

Por uma morfologia da desinformação¹

Seane Alves Melo²

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

Resumo

Neste artigo, tentamos avançar no estudo de informações fraudulentas propondo uma análise a partir dos estudos de narrativa. Partindo da compreensão de que a narrativa tem a capacidade de determinar os sentidos dos fatos, em grande parte pelo próprio ordenamento que é realizado em sua composição, nos interessa, nesta análise, identificar quais são os ordenamentos construídos nas principais notícias falsas de 2024 elencadas pela iniciativa de *fact checking* Aos fatos. Para nossa análise, recorreremos ao teórico Propp e suas contribuições para realizar uma primeira investigação em torno de uma morfologia da desinformação, visando identificar as funções narrativas acionadas na construção de textos fraudulentos.

PALAVRAS-CHAVE

Desinformação; narrativa; funções narrativas.

INTRODUÇÃO

Em artigo anterior (Melo et al, 2024), começamos a sinalizar para os estudos da narrativa como um caminho de contribuição para os estudos do fenômeno da “informação fraudulenta”, termo que utilizo para abarcar tanto a desinformação quanto as *fakes news* (Allcott; Gentzkow, 2017; Grinberg et al., 2019; Gunther; Beck; Nisbet, 2019; Vosoughi; Roy; Aral, 2018).

Para formular essa proposta, nos embasamos em grande parte em Ricoeur (1994) e sua teoria da tessitura da intriga, especialmente na definição da mimese I — que marcaria a passagem da ordem paradigmática da ação para a ordem sintagmática do texto, ou a passagem do terreno do “fazer” para o mundo do texto. Esse processo corresponde ao enraizamento da composição da intriga em uma pré-compreensão do mundo da ação: “Compreender uma história é compreender ao mesmo tempo a linguagem do ‘fazer’ e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas” (Ricoeur, 1994, p. 91). Isso significa que a ação só se torna passível de narração por estar, desde sempre, mediada simbolicamente. É somente em uma base cultural compartilhada que uma narrativa pode ser entendida e avaliada.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), email: seanemelo@gmail.com.

Quando construiu essa estruturação, Ricoeur pensava especificamente na história, isto é, em acontecimentos que são transpostos ao relato/texto. Quando falamos de desinformação ou *fake news* não nos referimos a discursos fundamentados em acontecimentos. No entanto, acreditamos que é interessante refletir sobre o papel que as representações sociais e os discursos circulantes podem assumir nos discursos ficcionais, distorcidos e descontextualizados que esses fenômenos apresentam.

Demuru (2024, p.13) já avança em um sentido convergente nos seus estudos sobre o “populismo conspiratório” de extrema direita, apontando como ponto central o fato de que as teorias (fantasias) da conspiração — que também se confundem com as *fake news* — seduzem menos pelos argumentos e mais pelo fascínio. São fantasias, contos maravilhosos que encantam “mobilizando diferentes aspectos da experiência humana e da vida em sociedade”, (Demuru, 2024, p. 27).

Partindo dessa breve contextualização, buscamos investigar a relação entre discursos ficcionais, distorcidos e descontextualizados e a composição narrativa. Para isso, utilizamos as funções narrativas ou funções dos personagens identificadas por Propp (2001) no estudo dos contos maravilhosos. Com o intuito de realizar essa aproximação, analisaremos as sete informações fraudulentas mencionadas na edição 31 da *newsletter* “A que ponto checamos”, produzida pela iniciativa de checagem de dados *Aos fatos*. A escolha desta edição ocorreu em virtude deste texto apresentar uma seleção das peças de desinformação mais memoráveis de 2024, segundo a equipe da iniciativa.

Como resultado, apresentamos um primeiro esforço de operacionalização de uma análise da desinformação a partir da narrativa, especialmente focada no esboço de uma morfologia desses textos ficcionais, distorcidos e descontextualizados.

Referências

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017.

DEMURU, P. **Políticas do encanto: extrema direita e fantasias de conspiração**. São Paulo: Elefante, 2024.

GRINBERG, N. et al. Political science: Fake news on Twitter during the 2016 U.S. presidential election. **Science**, v. 363, n. 6425, p. 374–378, 2019.

GUNTHER, R.; BECK, P. A.; NISBET, E. C. “Fake news” and the defection of 2012 Obama voters in the 2016 presidential election. **Electoral Studies**, v. 61, n. June 2018, p. 102030, 2019.

MELO, S.; GARCIA, Y.; MELLO, J. Que histórias nos contam as notícias falsas? Uma proposta de abordagem para o fenômeno das fake news e desinformação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 47, 2024, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. Balneário Camboriú: Univali, 2024.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. São Paulo: Forense Universitária, 2001.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994.

TOP fakes 2024. **A que ponto checamos**, Rio de Janeiro, n. 31, 16 dezembro 2024. Disponível em: <https://mailchi.mp/aosfatos/31-a-que-ponto-checamos?e=78a07d727a>. Acesso em: 13 jun. 2024.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, 359(6380), 1146–1151 | 10.1126/science.aap9559. v. 1151, n. March, p. 1146–1151, 2018.